

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho
O Trabalho no Século XXI. Mudanças, impactos e perspectivas

GT 10 ESTRATÉGIA EMPRESARIAIS DESPLEGADAS DENTRO Y FUERA DEL
ESPACIO DE TRABAJO.DESAFIOS CONCEPTUALES Y METODOLÓGICOS
PARA LA CONSTRUCCIÓN DE UNA PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA

A FORMAÇÃO DO TRABALHADOR POLIVALENTE PELO SENAI-RJ NA
DÉCADA DE 1990.

Mônica da Silva Paranhos

RESUMO SIMPLES

A FORMAÇÃO DO TRABALHADOR POLIVALENTE PELO SENAI-RJ NA DÉCADA DE 1990.

A nossa pesquisa tem por objeto de estudo o trabalhador industrial que emergiu dos cursos profissionalizantes do SENAI do Rio de Janeiro. O nosso escopo se desdobra em dois momentos distintos. No primeiro momento, nós analisaremos como o SENAI está realizando a formação dos aprendizes que se tornarão os novos trabalhadores fabris. Para isto, mapearemos as novas habilidades e os novos princípios e valores que o SENAI está inculcando nos aprendizes. No segundo momento, nós apreenderemos as representações sobre as experiências destes aprendizes e também dos instrutores no que concerne às mudanças ocorridas no capitalismo, no mundo do trabalho e no SENAI. Em função disto, poderemos perceber qual a dimensão real que o SENAI ocupa na formação profissional e na vida destas pessoas

Este artigo tem por objeto de estudo a formação do trabalhador polivalente que foi oferecida pelo SENAI do Rio de Janeiro na década de 1990.

As transformações ocorridas na economia configuraram uma nova face ao capitalismo internacional e ao capitalismo brasileiro durante a década de 1990. Os reflexos destas transformações se fizeram sentir em várias esferas, inclusive na educação profissional oferecida pelo SENAI-RJ, uma das principais agências formadoras de mão-de-obra para a indústria do país.

No início da década de 1990, o SENAI começou a discutir os rumos do trabalho industrial e, por conseguinte a redefinição da formação profissional que era oferecida, tendo em vista as mudanças ocorridas na esfera da produção fabril. A partir do novo contexto econômico e das escolhas feitas pelo empresariado brasileiro, o SENAI se debruçou sobre o seu modelo de formação profissional e efetuou radicais mudanças. Os cursos profissionalizantes oferecidos pelo SENAI passaram por uma profunda transformação curricular e metodológica em 1995.

O antigo método da instrução individualizada¹ com a utilização intensa das séries metódicas ocupacionais não estava mais respondendo às demandas das grandes empresas brasileiras e multinacionais com filiais no país.

A mudança de paradigma produtivo na década de 1990 com a introdução da tecnologia a base da microeletrônica e as novas técnicas de organização do trabalho, tais como *just-in-time*, *kanban*, *kaizen*, CEP, CAD, demandaram um novo perfil de trabalhador industrial. O perfil do trabalhador industrial demandado era composto pela polivalência, pela capacidade de decisão e de iniciativa, pela cooperação, pela autonomia, pela responsabilidade, pela criatividade e participação efetiva deste trabalhador no processo produtivo (SENAI-RJ-DE-DFP, 1994). Levando em conta estes preceitos gerais, o SENAI formulou o Projeto Logos que estabeleceu uma nova metodologia e um novo currículo para os cursos profissionalizantes. Em 1995, o Projeto Logos contou com

¹ No método da instrução individualizada, o aluno ingressava num curso profissionalizante sem estar engajado numa turma, ou seja, o ingresso nos cursos de aprendizagem ocorria individualmente. Ao iniciar o curso, o aluno era informado que ele deveria cumprir um determinado número de tarefas que estavam prescritas nos cadernos de instrução das séries metódicas ocupacionais. Os cadernos de instrução eram compostos pelas folhas tarefas que indicavam o que fazer, pelas folhas de operação que mostravam como fazer e pelas folhas de informação tecnológica que demonstravam com quais instrumentos e ferramentas se executaria a atividade proposta. Após o estudo destas folhas, os aprendizes eram argüidos pelo instrutor. O próximo passo era elaboração pelo próprio aluno de um roteiro de trabalho a ser executado na oficina. E por fim, o aluno realizava o estágio obrigatório numa indústria e recebia o certificado profissional. As habilidades manuais e o conteúdo eminentemente tecnicista dos cursos profissionalizantes eram a tônica desta metodologia de ensino.

turmas pilotos dos cursos de aprendizagem, hoje denominados cursos básicos, com alunos entre 14 e 18 anos. Três grandes áreas de atuação do SENAI no município do Rio de Janeiro foram selecionadas para comporem as turmas pilotos desta nova proposta de educação profissional. As áreas escolhidas foram a Metal-Mecânica, Construção Civil e Artes Gráficas. Os cursos profissionalizantes selecionados foram mecânico geral (36 alunos), operador de processo mecânico (17 alunos), eletricista instalador predial (18 alunos), instalador elétrico-hidráulico (12 alunos) e fotomecânico (10 alunos).

A partir destas propostas educativas, o SENAI delineou a nova metodologia de ensino, nomeada pelos seus técnicos como método da instrução socializada, rompendo assim com a instrução individualizada e as séries metódicas ocupacionais utilizadas mais de 50 anos. Através da análise de documentos do Projeto Logos, percebemos que a ênfase da nova metodologia de ensino profissionalizante do SENAI recaiu sobre a capacidade cognitiva, raciocínio abstrato e a polivalência se diferenciando da antiga proposta que investia na destreza física, na habilidade manual e na formação para um único posto de trabalho.

A metodologia de ensino passou a ser socializada, o ensino se tornou coletivo. O aluno ao ingressar num curso profissionalizante, ele necessariamente deve estar engajado numa turma, deverá seguir o ritmo de aprendizagem do coletivo e cumprir um cronograma que vale para todos os aprendizes. Segundo o SENAI, a tônica desta nova metodologia se voltou para a capacidade de “aprender a pensar” e a “aprender a aprender, a desaprender e reaprender” (SENAI-RJ, 1999a).

A estrutura curricular que se construiu se dividia em habilidades básicas, habilidades específicas (introdutórias e profissionais) e habilidades de gestão (veja a matriz curricular no final)

A grande novidade que se apresentou nesta estrutura curricular foram as habilidades de gestão. As habilidades básicas também se apresentaram como uma novidade, porém nosso olhar sociológico se debruçou sobre as habilidades de gestão. Conforme o SENAI as habilidades de gestão significavam um:

“conjunto de saberes teóricos e práticos, de caráter geral, que fundamentam a análise da realidade concreta - na qual se situam o dilema entre os interesses individuais e coletivos - e orientam o processo de decisão pessoal, assim como as práticas relacionais e sociocomunicativas que facilitem a realização de trabalho cooperativo em equipe e de trabalho

autônomo, contribuindo para a compreensão do cotidiano da vida e do mundo do trabalho” (SENAI-RJ, 1999, p.36, grifos nossos).

O nosso interesse primordial foi analisar como foi realizada a formação deste trabalhador. Escolhemos o curso de nível básico (antigo curso de aprendizagem destinado aos jovens de 14 a 18 anos) de mecânico de manutenção como parâmetro para mapear os princípios e valores que estavam permeando a formação profissional oferecida pelo SENAI. Ao fazer o levantamento das novas diretrizes que foram inculcadas pela entidade, tivemos como escopo também, analisar como os novos valores e princípios do capitalismo e da nova metodologia de ensino foram apreendidos pelos aprendizes e instrutores. A pesquisa foi realizada através da análise do material didático do curso de mecânico de manutenção, da observação de campo e das entrevistas. No total foram realizadas treze entrevistas, sendo três com as técnicas da área de educação profissional do SENAI, quatro com os aprendizes do curso de mecânico de manutenção, três com os instrutores da área metal-mecânica da entidade e uma com um operário e ex-aprendiz (já na nova metodologia) do SENAI e duas com representantes das indústrias que mantinham aprendizes.

Os instrutores vivenciaram de uma forma conflituosa o processo de ruptura do SENAI com a antiga metodologia de ensino. Eles se mostraram extremamente resistentes às mudanças impingidas. Como o novo método de ensino do SENAI é uma consequência das novas demandas do capitalismo, os instrutores se mostraram reticentes também em relação à nova arquitetura do capital. Eles se posicionaram criticamente frente a conjuntura de inovações do SENAI e das mudanças do capitalismo e do mundo do trabalho. As críticas engendradas pelos instrutores estavam relacionadas basicamente à duas questões: primeira, a ameaça da perda do estilo de vida fordista e a segunda, a percepção da maximização da exploração do trabalhador industrial. Estes indivíduos se construíram como trabalhadores da indústria e como instrutores tendo como referencial o fordismo com todos os seus princípios, valores e habilidades. Os instrutores apontaram que a fragmentação das profissões e a condensação em um único curso profissionalizante têm por objetivo produzir trabalhadores que deverão operar várias máquinas e realizarem um maior número de tarefas possíveis, porém sem estarem suficientemente qualificados para executarem tal trabalho.

Levando em conta que as experiências, vivências, percepções e representações dos aprendizes estão circunscritas à vida de estudante e não possuem ainda experiência

de trabalho, eles se mostraram bastante receptivos à possibilidade de “aprender mais em menos tempo” e teoricamente estarem aptos a operarem mais de uma máquina e de acordo com esta visão serem polivalentes. Os aprendizes levantaram apenas parte dos efeitos da polivalência: contenção de custos, maximização do lucro e redução de trabalhadores. Eles não atentaram para outros efeitos da qualificação profissional que foi realizada através da aprendizagem de fragmentos e noções que condensam várias profissões em um único curso profissionalizante. Outro possível efeito da polivalência é o débil conhecimento para executar com apuro as operações das várias profissões supostamente aprendidas nos cursos de aprendizagem.

Temos claro que o SENAI, enquanto uma das mais importantes entidades de fomento à mão-de-obra industrial é uma estrutura objetiva cujo escopo é inculcar valores, idéias, habilidades que estejam em consonância com o capitalismo na sua atual fase. Mas o que temos que ter mais claro ainda é que o SENAI é apenas mais um componente no processo de formação e construção do trabalhador industrial, além é claro de outros componentes, tais como origem familiar, experiências herdadas dos pais, inserção ou futura inserção no mercado de trabalho e vivências decorrentes disto entre outros. Este processo de se fazer e se construir trabalhador industrial é contínuo, ou seja, podemos dizer que é um incessante processo de se (re)formar e se (re)construir.

MATRIZ CURRICULAR - MECÂNICO DE MANUTENÇÃO

Componentes Curriculares	Unidades Curriculares	Módulo Básico I	Módulo Básico II	Módulo Especial I
Habilidades Básicas	Processos Cognitivos	40 h		
	Leitura de Conteúdo	30 h		
	Matemática	60 h		
Habilidades Específicas Introdutórias	Iniciação à Tecnologia	40 h		
	Iniciação ao Desenho	40 h		
	Iniciação à Informática	30 h		
	Tecnologia dos Materiais		30 h	
	Interpretação de Desenho		40 h	
	Medição Industrial		40 h	

Habilidades Específicas Profissionais	Tecnologia Máq. Ferramentas			40 h
	Ajustagem Básica			80 h
	Eleticidade Básica			80 h
	Noções de Soldagem			40 h
	Elementos de Máquinas I			60 h
	Lubrificação			30 h
	Tecnologia de rolamentos I			40 h
	Bombas e compressores I			60 h
	Pneumática I			80 h
	Hidráulica I			80 h
	Organização da Manutenção			20 h
Habilidades de Gestão	Formas de Organização no Trabalho	20 h		
	Legislação e Normas	20 h		
	Relações Humanas no Trabalho	16 h		
	Higiene e Segurança no Trabalho	16 h		
	Qualidade	16 h		
	Educação Ambiental	16 h		
	Cidadania e Ética	16 h		
CARGA HORÁRIA P/ MÓDULO		360 h	110 h	610 h
CARGA HORÁRIA ATUAL		1080 h		

Fonte: Documento do curso de aprendizagem de mecânico de manutenção, SENAI-RJ, 1999.

Bibliografia principal:

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. As novas “qualidades pessoais” requeridas pelo capital . **Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, Núcleo de Estudo sobre o Trabalho e Educação, nº 5, jan-jun, 1999.

FRIGOTTO, Gaudêncio. As mudanças tecnológicas e educação da classe trabalhadora: politécnica, polivalência ou qualificação profissional? (Síntese do simpósio)”. In: **Trabalho e educação**. Lucília Regina de Souza Machado, Magda de Almeida Neves, Gaudêncio Frigotto e outros. Campinas, Ed. Papirus/CEDES e São Paulo, ANDE/ANPED, 1992 (Coletânea CBE)

MACHADO, Lucília Regina de Souza. Mudanças tecnológicas e a educação da classe trabalhadora. In: **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Celso Ferreti (org.). Petrópolis, Ed. Vozes, 1992

QUADROS, Ruy. 1994 - “Capacitação tecnológica, revalorização do trabalho e educação”. In: **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Celso Ferreti (org.). Petrópolis, Ed. Vozes, 1994.

SENAI-RJ. - **Educação profissional; a concepção do SENAI-RJ**. Rio de Janeiro, GEP/DIPRE, 1999 (Série Documentos Orientadores)

THOMPSON, Edward P. 1987, v.II - **A formação da classe operária**. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra.